

# TEMPOS DE FOLLIA

PALAVRAS ITALIANAS FIGURAM NO NOSSO DICIONÁRIO CARNAVALESKO E O TERMO ACIMA SIGNIFICA LOUCURA. O BRASIL A VIVE DESDE O COMEÇO DA LAVA JATO, PARA CONFIRMÁ-LA A PARTIR DAS ELEIÇÕES DE 2014

por MINO CARTA

**L**ula será inexoravelmente condenado por Sergio Moro, é o que vaticina o *Estadão* em editorial intitulado “O desespero do PT”. Contraponto da *Folha de S. Paulo*, em reportagem intitulada “Lula pode ficar ineleável em plena campanha presidencial”. É a terça-feira de Carnaval, 28 de fevereiro, o *martedì grasso* dos italianos de antanho, conforme o relato de Goethe, visitante da península na segunda metade do século XVIII.

Na terça-feira gorda a folia atinge o auge. A leitura de *Viagem à Itália* do grande poeta alemão permite entender como se deu que palavras italianas pasassem a figurar no dicionário carnavalesco brasileiro. A começar por *follia*, ou seja, loucura, ou corso, porque o desfile das carroças dos foliões acontecia na *Via del Corso*. Ou confetes, pois entre carruagens e as calçadas atiravam-se



O tempo trabalha a favor de Lula, como as pesquisas provam

confeitos, *confetti*, de amêndoas revestidas por açúcar cristalizado, mais tarde substituídos por imitações de giz.

**A** *follia* nativa, a bem da verdade factual, reina solta faz alguns anos, no mínimo desde a campanha eleitoral de 2014 que resultou na vitória de Dilma Rousseff, por margem pequena, mas suficiente. A rigor, poderíamos antecipar a data, para remontar ao começo da Lava Jato, com o declarado propósito de assumir outro exemplo italiano, a *Mani Pulite* dos primeiros anos dos 90. Se a pretensão é precipitada por má-fé e hipocrisia ou ignorância não está claro até hoje, embora valha admitir, na receita, a mistura desses condimentos. Em um ponto apenas a intenção da República de Curitiba ganha nitidez solar: impedir que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva volte ao poder democraticamente eleito pela terceira vez.

NELSON ALMEIDA/AFIP, REINALDO REGINA/FOFOTARENA E ADRIANO MACHADO/REUTERS/ZUMA PRESS/FOFOTARENA



Nas mãos de Moro o destino do favorito ao pleito de 2018. Bem que esta turma poderia zarpar para as Cruzadas



Como diz Marcos Coimbra na sua coluna (*página 23*), a obsessão de Moro é “patética”, mas também execrável ao representar “a subversão da democracia”. Coimbra é mestre em pesquisas de opinião, e coisas mais, e seu raciocínio desenrola-se limpidamente: quem nega à maioria dos eleitores o voto no seu candidato preferido é tão subversivo quanto os demais golpistas. Rasgou-se a Constituição, instalou-se um governo fictício, como escreve Nirlando Beirão, institucionalizou-se o caos.

O poder tornou-se algo difuso e oculto, como houvesse acima de tudo e de

todos uma entidade superior por direito divino, enquanto Michel Temer derrete, os poderes da República inexistem, a crise econômica desborda. E os autores da manobra engendrada desde a reeleição de Dilma Rousseff vivem entre a perplexidade e o temor em relação aos efeitos da Lava Jato sobre suas próprias vidas.

Unidos somente pelo medo a Lula, captável, inclusive, no editorial do *Estadão*, cujo escriba é fiel, no sentido religioso, daquele poder superior.

Não há como escapar à evidência: Lula põe medo. Terror pânico. Contra ele vale tudo, a partir do desrespeito da lei. Irregularidades sem conta foram

## Flechada de Nelson Jobim no juiz de Curitiba: "O Judiciário não é ambiente para você fazer biografia individual". Diz ainda o ex-ministro que a Lava Jato visa à "espetacularização de todas as condutas"



## CAPA

cometidas pela República de Curitiba, não somente contra Lula, mas também em geral, nos comportamentos da operação. Em entrevista ao *Estadão* da terça-feira gorda, o ex-ministro Nelson Jobim acusa a Lava Jato de “exageros”. Se quisermos, a palavra é branda, ao definir absurdos jurídicos, deslizes imperdoáveis. Mesmo assim, Jobim arranca a máscara da turma curitibana, afirma a chantagem das prisões prolongadas para obter a delação, e condena as prisões coercitivas, em primeiro lugar a do ex-presidente Lula.

“Tudo isso – declara Jobim – faz parte daquilo que hoje chamaríamos de ação-espetáculo, ou seja, a espetacularização de todas as condutas.” E lá vem a flechada para Moro: “O Judiciário não é ambiente para você fazer biografia individual”. Por exemplo? “A divulgação da gravação da conversa da presidenta Dilma com Lula.”

Não se trata de defender a corrupção, praticada por quem quer que seja, e sim de atacar a injustiça. *Mani Pulite*, bem ao contrário da Lava Jato, em momento

algum agiu politicamente. De fato, não se destinava a implodir este ou aquele partido ou condenar esta ou aquela liderança, e o Partido Comunista saiu ileso ao cabo da operação. O juiz Moro mente ao sustentar que vazamentos houve também na Itália com o intuito de facilitar o trabalho dos magistrados. Com *Mani Pulite* nunca se deu um único vazamento seletivo, em pleno Estado Democrático de Direito, em um país onde a mídia exprime as posturas ideológicas mais diversas, da direita à esquerda.

**N**ão convém comparar as duas operações, bem como a Justiça lá e cá. A Suprema Corte italiana é guardiã efetiva da Constituição e avalia a aplicação correta das leis. Para citar um exemplo recente, no final de janeiro passado, rejeitou como inconstitucional a lei eleitoral aprovada pelo Parlamento durante o governo de Matteo Renzi (*leia à página 40*). Aqui bem sabemos como se tem portado o Supremo, envolvido no golpe e

leniente, permissivo ao extremo, com a República de Curitiba. É o mesmo STF que permitiu o uso indevido do chamado “conhecimento do fato” por ocasião do “mensalão” e agora não reage diante da alegação dos milenaristas curitibanos de que basta a “convicção” da culpabilidade de Lula para condená-lo.

A pantomima esticou-se anos a fio, excitada diuturnamente pela mídia do pensamento único. Lembro manchetes de jornalões para “espetacularizar” a compra de um barquinho de lata no valor de 4 mil reais, por parte de dona Marisa, mulher de Lula. Com esta “revelação” pretendia-se demonstrar que certo sítio em Atibaia, com vista para a favela, era de propriedade dos Lula da Silva, embora tenha outros donos, conforme escrituras em cartório. Volta-se a falar agora do célebre triplex do Guarujá, 200 metros quadrados a dominar a Praia das Astúrias, notoriamente frequentada pelos farofeiros. Neste caso também o imóvel não pertence ao indiciado, como é fácil provar. Diga-se que os indignados barões midiáticos, e muitos dos seus



CARLOS MOURA/STF. CELSO JUNIOR/ESTADÃO CONTEÚDO E REPRODUÇÃO



sabujos regiamente pagos, jamais se dignariam a pousar no triplex protagonista de uma história simplesmente ridícula.

**H**á brasileiros a nutrir a “convicção” de viver em um país contemporâneo do mundo. O globo terráqueo atravessa uma quadra difícil, provocada, antes de mais nada, pela idolatria do dinheiro, como diria o papa Francisco. Na sua medievalidade, no seu primitivismo, na sua desigualdade irreduzível, o país da casa-grande e da senzala é único, terra à parte. Há até cidadãos de respeito entregues à crença de que medram por aqui direita e esquerda, conservadores e progressistas, como se fossem estas dicotomias plausíveis. O confronto é outro, tão desigual quanto tudo o mais nestas paragens. Entre casa-grande e senzala, ainda em pé.

A despeito das diferenças determinadas pela natureza entre um ser humano e outro, não existem povos melhores ou piores, e sim circunstâncias históricas diversas. Até hoje o Brasil sofre as consequências de três séculos e meio de escravidão. Fomos os últimos a declarar a escravidão extinta em mais um lance de hipocrisia senhorial. Faltou-nos uma guerra de independência e uma grande revolução intestina, qual foi a Secessão nos EUA. A provar a prepotência da casa-grande, vem aí uma iníqua reforma trabalhista imposta pelo governo títere (*leia à página 24*).

Uma reportagem publicada dias atrás pelo jornal *La Stampa*, de Turim, a cidade da Fiat, assinada pelo correspondente em Pequim, conta que os operários da China, pátria da mão de obra barata para desespero ocidental,

ganham mais do que os trabalhadores do Brasil, citado com todas as letras. Mas quem haverá de padecer, sempre e sempre, no país da casa-grande e da senzala? A maioria pobre. A inesgotável saída é punir o trabalho.

**O**s desenvolvimentos da crise política e social dependem da progressão da crise econômica. Não é fator de paz. No editorial da terça gorda, o *Estadão* cita passagens de uma entrevista do ex-ministro Gilberto Carvalho ao *Valor*, a prever agitação popular se Lula for condenado. O jornalão tece ironias a respeito, entre a banalidade e a grosseria de quem não frequenta o senso de humor. Talvez se apresse nas suas previsões. Estamos nas mãos dos fados, instigados por Sergio Moro e Luiz Inácio Lula da Silva, e pelas reações possíveis do povo espezinhado, enfim consciente, quem sabe, das prepotências e arbitrariedades a que foi e continua a ser submetido. Quanto ao ex-presidente indiciado, os deuses do tempo têm trabalhado a seu favor, como as pesquisas provam.

Um perfeito símbolo da *follia* dos graúdos foi oferecido na terça-feira gorda por Ju Isen, a musa do *impeachment*, celebrada ao longo da manobra golpista por convocar a greve do sexo enquanto Dilma não caísse. Na terça gorda Ju saiu para “pular Carnaval” completamente nua e em boa parte pintada de verde, sem exclusão daquela porção do corpo humano onde as costas mudam de nome. Mostrada ao vivo pela RedeTV! •

**Onde está o poder se os poderes da República inexistem, Michel Temer derrete, a crise econômica galopa? Em plena follia, há quem fale em direita e esquerda, conservadores e progressistas, no país da casa-grande e da senzala**